

OUTÚBRO
NOVEMBRO
DE 1966

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 9

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

A SUGESTÃO INDIVIDUAL E COLECTIVA

Continuação do exame do «Caso Português»

CONSELHOS A UMA «RAPARIGA MODERNA»

O PROGRESSO DA DIABETIS NAS PESSOAS MAIS BEM ALIMENTADAS

TÊM AUMENTADO OS CASOS DE HEPATITES — AS CONSEQUÊNCIAS DAS HEPATITES

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

O papel da religião e da política na formação da personalidade — V

AS DIVERSAS ANEMIAS

A anemia da gravidez
Os vômitos da gravidez

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Sala C

Est. 1219

Tab. 1219

N.º 9

UM TRANQUILIZANTE PARA CADA CASO

Tranquilizante geral

Probamato

Menopausa
Excitações nervosas
da mulher, devidas
a insuficiências
ovéricas

Insuficiências cardíacas
Taquicardia
Taquiarritmia
Cardioesclorose
e em geral:
Excitações nervosas
dos cardíacos

Probonar

Pendulon

***O Probamato e as suas associações,
constituem o melhor tratamento con-
tra os diversos estados de ansieda-
de, nervosismo e excitação***

OUTUBRO
NOVEMBRO
DE 1966

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 9

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Psicologia e educação

A SUGESTÃO INDIVIDUAL E COLECTIVA

IX

Continuação do exame do "Caso Português"

Como temos exposto nos artigos anteriores, a «Sugestão» é uma arma, por vezes temível, a empregar estrategicamente, para levar as pessoas, ou os grupos, ou as multidões, a executar planos, maduramente estudados e estabelecidos. Como dissemos no n.º 13 foram apanhadas na Alemanha, as instruções emanadas dos centros comunistas para preparar a revolução social em todo o mundo. Tem sido verdadeiramente hábil a maneira de actuar e, politicamente, chegou-se a organizar a subversão, especialmente na América do Sul e nos novos países africanos, em que a falta de cultura e de civilização os prepara para serem facilmente sugestionados.

Assim tratámos no n.º 13 da «Psicologia do sugestionador e do sugestionado e dos métodos de preparar as subversões»; no n.º 15, das «Aplicações criminosas do poder de sugestão»; no n.º 16, das «Aplicações anti-sociais do poder da sugestão e no n.º 17 dos exemplos do Abade Youlou e de N'Krumah.

Como sequência lógica da situação a que nos referimos nos artigos anteriores, no princípio do ano de 1961 explodiu uma guerra sangrenta e terrível, uma invasão em Angola, Guiné e Moçambique, organizada e partindo de países estrangeiros vizinhos, com o auxílio de outros mais afastados; assassinaram-se brancos e pretos, destruíram-se aldeias e a vaga de destruição seguiu até Luanda.

Estavam-se cumprindo os «fados» indicados pelos «ventos da história». Em quase todos os países estrangeiros tinha-se a certeza de que



acabava de desaparecer o Portugal ultramarino e que este voltava aos limites europeus do século XIV. Muitos esfregaram as mãos de contentes, até alguns dos que se diziam nossos amigos, *mas...* há sempre um *mas...* contra o que pensavam, Portugal não foi apanhado desprevenido e ia reagir... com aquela determinação e coragem que sempre caracterizou a nossa acção.

Salazar, que além de grande professor de finanças e político de projecção internacional, é um estudioso, atento e frio... foi estudado todas as informações que recebia e projectando as atitudes a tomar nas diversas circunstâncias; os elementos responsáveis da «defesa nacional» estudavam igualmente o problema e as soluções a adoptar e no momento em que a guerra explodiu, não fomos apanhados desprevenidos. Quando Salazar reuniu o Conselho de Ministros e as altas personalidades do Estado, para enfrentarem o problema, perante algumas atitudes irresolutas, declarou: — «*Temos de ficar e temos de actuar rapidamente e com força!*» Foi a resolução que salvou Angola, e a nação portuguesa e o nosso prestígio! Mas Salazar traduziu claramente a sua maneira de pensar, no seu discurso aos portugueses que vieram de Angola em Abril de 1966, cinco anos depois, agradecer-lhe o que tinha feito por Angola e por Portugal, em que disse:

«A minha atitude era, então, fácil de justificar e hoje, com a experiência vivida, mais fácil ainda de compreender!»

«Em primeiro lugar correspondia à vossa determinação, a determinação de *ficar*. O homem que fica, vivo ou morto, ocupa de facto o território; o que abala, deserta e abandona-o. Só o primeiro, perpetuando-se por gerações, adquire um direito de ocupação e de posse que a História consagra como base da sociedade e de participação no poder. Ao outro faltam os laços que, amassando terra e sangue, prendem as gerações, a sucederem-se em corpo e alma, em trabalho e cultura; e desiste de criar algo de parecido com uma nação que possa considerar sua pátria.

Mas havia também a tragédia que avassalava, em golpes de ferocidade, o Norte da Província e imolava as suas vítimas, por força só do ódio e em nenhum outro nome que o da destruição e do caos. Tirar a vida, incendiar as fábricas, inutilizar as plantações, espalhar e fazer viver o terror às gentes indefesas, eram antigamente actos criminosos; hoje, constituindo uma técnica, neles assenta uma teoria da revolução que abundantemente os pretende justificar. Mas à nossa maneira, que é a maneira antiga, um governo que em tais circunstâncias não intervém para cumprir o primordial dever de garantir a segurança e a vida das populações e a integridade do território, perde toda a legitimidade e a sua própria razão de ser».

«Os povos africanos — refiro-me sempre aqui aos situados abaixo da orla islamizada das nações mediterrâneas — os povos africanos, dizia,

tentaram a sua «descolonização», recebendo liberalmente ou reivindicando a independência das nações que detinham a soberania. Raríssimos territórios ofereciam porém pela sua configuração geográfica, população escassa, traçado de fronteiras aos acasos da ocupação, riqueza do solo ou subsolo, aquele mínimo de condições de viabilidade económica que é o sustentáculo de uma sociedade com vida organizada. O atraso cultural das populações fazia que também não dispusessem tais territórios do mínimo de elementos humanos capazes de traçar o rumo da economia, dirigir o trabalho, conduzir a administração, formar os governos e os altos corpos do Estado. A independência é cara e esses povos não dispunham de riqueza que a sustentasse; a independência é difícil e esses povos não tinham o número de homens preparados a enfrentar os problemas, não digo já de um Estado moderno, mas de uma sociedade que tem de saber organizar-se para poder viver. A organização social existente na maior parte dos territórios não se elevava ainda acima de um conceito tribal, ou estritamente racista, e por si própria muito dificilmente evolucionaria de modo a criar entre as populações elos de carácter e amplitude nacional. Só nós, com a ideia tradicional da integração, temos criado, à volta da realidade portuguesa e do nome de Portugal, a coesão necessária das Províncias Ultramarinas, todas consideradas membros de uma Nação. Era assim fatal que, nos territórios estranhos à soberania portuguesa, tornados independentes por uma espécie de surto epidémico, e fosse qual fosse o mérito da obra de colonização efectuada pelos povos europeus, nós assistíssemos ao aparecimento de Estados sem o suporte de nações, e sem os meios materiais e humanos de poderem estruturar-se e progredir. E porque é preciso acima de tudo viver, surgiram então dois factos da maior relevância na vida desses povos: os subsídios sistemáticos a substituírem-se ao trabalho, a técnica e os conselheiros estrangeiros a substituírem-se ao governante local. Como o facto da independência parece irreversível, afiguram-se-me esses povos condenados, uns a uma espécie de protectorado sem título, outros à fragilidade e instabilidade institucional, abertos por isso mesmo a todas as influências ideológicas e a todas as pressões políticas».

E Salazar, continua:

«Que a sociedade multirracial é possível prova-o em primeiro lugar o Brasil, a maior potência latino-americana e precisamente de raiz portuguesa, e seria portanto preciso começar por negar esta realidade, além de muitas outras, para recusar a possibilidade de constituição social desse tipo em território africano. Por outro lado, e é outra conclusão da experiência, o próprio racismo negro tem sido levado a reconhecer a sua incapacidade de criar ou de manter uma civilização em terras africanas, sem o auxílio do branco. E, não se tendo encontrado, fora da precipitação concorrencial do começo, nem sendo possível descobrir

meio de despersonalizar ou desnacionalizar o capital e a técnica ao serviço da África, os países africanos, não estruturalmente ligados a uma potência europeia por laços políticos, ver-se-ão obrigados a aceitar as implicações das influências de poderio que inevitavelmente decorrem da presença actuante desse capital e dessa técnica. Podem muitos propalar ou manter ilusões acerca deste ponto, mas a criação de economias nacionais que possam, tendo incorporado abundantes capitais estrangeiros, determinar-se exclusivamente pelo interesse próprio, exige estruturas políticas que os povos africanos independentes estão muito longe de possuir».

«Tínhamos este conjunto de circunstâncias e de problemas bem presentes ao nosso espírito quando deflagrou contra nós em Angola o terrorismo. Ecoaram nos nossos ouvidos os gritos lancinantes da Província, como depois os da Guiné e de Moçambique. E a voz do sangue, o espírito das gerações passadas, a força da História, fizeram vibrar o nosso coração de portugueses e apelaram veementemente para a nossa razão de governantes responsáveis. Sentimos não poder deixar de agir, por imperativo da consciência, e de clamar, em nome da verdade e da sinceridade devida a todos, brancos e pretos, que desintegrem-se da sua Nação era perder a liberdade, para se submeterem, em nome da independência, a sujeições estranhas, não seria progredir mas recuar; não seria engrandecer-se, mas diminuir-se. Verifica-se que só a Nação que a todos abraça e a todos tem por filhos, tem possibilidades económicas e de força para defendê-los de ambições hostis, e sensibilidade para compreender-lhes os sentimentos e conduzir no melhor caminho as suas aspirações».

Já passaram mais de 5 anos. Os novos países africanos têm desde então tido revoluções, golpes de estado, fuzilamentos, partidos que, ora governam, ora são destruídos, etc. ... mortos aos milhares, ruínas de empresas que levaram muitas dezenas de anos a organizar e por fim ruínas dos Estados que agora estendem a mão a quem lhes dê dinheiro, para comprarem armas, para organizarem grandes fortunas pessoais no estrangeiro e para manterem atitudes guerreiras de ataque, que é a justificação dos subsídios que recebem.

Um filme que acaba de impressionar o mundo, «África, adeus» é um libelo grave contra os que se deixaram vencer e contra os que ainda colaboram naqueles horrores. E, a propósito, não queremos deixar de transcrever, com a devida vénia, a crítica feita a esse filme por um grande jornalista português, no *Diário de Notícias* de 23 de Maio, sob o título «O trágico festim».

Um documentário sobre a África da chamada descolonização e que actualmente se exhibe em Lisboa constitui o mais formidável libelo que

possa imaginar-se sobre o drama e a vergonha que, para a História da Humanidade, representa a abdicação que o Ocidente e, em especial, a Europa, fizeram de todos os seus deveres e responsabilidades políticas e históricas no Continente Africano, entregando às precoces independências de Estados improvisados uma obra secular de realizações e de futuro.

A retirada da Europa aparece já hoje na pungente realidade do que foi: — triste e irremediável deserção. A desordem e a tragédia de duas guerras, que incendiaram o Mundo, criaram o mito de meia dúzia de palavras sonoras que governaram e governam a demagogia da Paz. A palavra «descolonização» foi uma delas. Se abandonar a fragilidade e a inconsciência de todas as menoridades aos instintos e às surpresas da aventura e da precipitada emancipação constitui uma «descolonização», a tutela da infância deixará, em linguagem jurídica, de ter sentido e significado. As expressões paternidade e educação não serão assim, vistas pelo ângulo exclusivo da libertação, mais do que odiosas tiranias. Mas a História mostra-nos que há uma paternidade internacional, exercida pela legitimidade dos direitos humanos, como há uma paternidade individual e familiar. Tudo depende da forma como essa paternidade é exercida. A maioridade merece-se ou conquista-se. Não se oferece nem se distribui indiscriminadamente como um bодо aos pobres.

Aquele singular bodo da descolonização produziu os seus efeitos. Traduziram-se na anarquia que está a levar um Continente inteiro ao massacre, à ruína, ao mais feroz genocídio, à desordem interna e ao despotismo das ambições estranhas — que, essas, implacáveis e interesseiras, nada têm de paternal. Os «ventos da História», que um conhecido e lamentável estadista inglês anunciou sobre a África, deram o resultado que se vê: — o terrorismo, a cupidez, a corrupção, as paixões e superstições mais primitivas, desencadeados sobre os povos emancipados e agora mais escravos do que nunca — e o sinistro voo dos corvos que espreitam, quando não promovem, a carnificina e a miséria.

A realidade fotográfica do filme em questão fixa para a posteridade e para o opróbrio do nosso tempo a imagem do que foi o «dia seguinte» desse «festival das independências». Atrás do comissário inglês que partiu em arraial, ficou a multidão ululante dos emancipados, assaltando vidas e bens. A fúria da destruição pela destruição — prova de demência infantil — apressou-se a ensanguentar e arrasar tudo o que ainda na véspera era paz e tranquilidade. Nem as feras foram poupadas. A selva encheu-se dos gritos dos novos caçadores armados pelas espingardas que os europeus deixaram — e martirizaram animais e destruíram-se mutuamente. Em horas sepultaram-se séculos. O que se passou no Congo, após a retirada dos Belgas, representa uma das mais tristes e vergonhosas páginas da barbaria humana.

E das cinzas, dos montões de cadáveres, das ruínas fumegantes, da alucinação dos morticínios, das hordas desenfreadas surgem, em fila inglesa, os cento e tantos novos Estados que marcham, de coco e óculos, para a O. N. U. a tomarem conta do Mundo. E chamou-se a isto «democracia»! Aquilo que, na evolução de uma independência gradual e encaminhada, poderia ser uma obra de solidariedade e de ressurgimento transformou-se numa sangrenta orgia de extermínio e de horríveis batuques.

Veio pouco depois Angola e o seu terrorismo. Também lá estão no filme. E aparece então uma civilização — única de pé — no meio do descalabro e da ferocidade. Surgem as sombras das velhas fortalezas que atestam o passado português, a juventude quase iluminada do nosso soldado; surgem a figura cristã de um sacerdote que dá a comunhão aos fiéis, sem distinção de cores da pele, e um povo pacífico em que não se distinguem raças. Surge Portugal.

A História antecipa-se. Comeja já a escrever-se. Ela dirá aos vindouros, quando a hora da reabilitação chegar, que, no momento em que tudo ruía num continente cuja história será sempre inseparável da nossa própria História, quando tudo e todos debandavam e o sol e a terra eram uma mancha de sangue, — ela dirá que Portugal ficou. E foi sua a única voz que, no meio da deserção e do alarido dos massacres e das debandadas, disse: «Presente».

A confusão dos espíritos, a orgia verbal da nossa época criaram no mundo actual, sobre a anarquia das ideias, a terrível desordem das palavras.

Quando se fala em Europa, quando se fala em Ocidente, quando se evoca a chamada «civilização branca» confundem-se, propositadamente ou não, conceitos que nada têm de comum. A palavra Ocidente, o termo Europa, quando aplicados à deslocação de valores e realidades dos nossos dias, não têm o exclusivo sentido geográfico que se lhes pretende atribuir. A Civilização Ocidental não representa a simples hegemonia de uma área geográfica ou um conjunto, mais ou menos determinado, de povos ou de nações.

A Civilização Ocidental representa, histórica e espiritualmente, não fronteiras físicas de nações ou apenas uma projecção da História, mas um *estado de espírito*, uma forma colectiva de vida, que irradiaram pelo Mundo e são hoje o seu mais vasto património. A própria expressão «civilização cristã» traduz, mais do que os limites de uma religião e dos ritos dessa religião, um estádio de sensibilidade e de solidariedade humanas. Há descrentes, sob o ponto de vista da fé religiosa, que são, espiritualmente, cristãos e pertencem àquele legado espiritual que deixaram os passos de Cristo sobre a Terra.

Ora o que está em jogo neste momento, sobre essa mesma Terra, é a desumanização da vida que a barbaria e o anticristianismo implicam.

É o regresso às divisões tribais, ao paganismo sentimental, ao extermínio de todos os ideais de que os Homens, na marcha da civilização, fizeram uma regra de existência. O que está a romper-se são os elos que ligam o Homem às heranças do espírito que o libertaram dele próprio. São os conceitos que fundámos, os alicerces que construímos e o modelo em que moldámos a civilização que vivemos.

O que está em jogo não são regiões, domínios políticos, soberanias nacionais. O que está em jogo é a sobrevivência ou a derrocada de um tipo de vida e de sentimento que fez do Mundo o que ele é hoje. Somos nós próprios — nós todos — que estamos espiritualmente em causa. São os cemitérios e os berços que os Europeus, desertando, abandonaram em África e estão a abandonar no resto do Mundo. É o regresso aos ódios de raças, às rivalidades de sangue, à tirania dos piores instintos, que, sob a capa da independência, da falsa liberdade, estamos a admitir e a fomentar no Mundo.

A chamada civilização ocidental foi uma civilização de «qualidade». Foi essa civilização *minoritária* que, pela projecção do espírito, dominou o Planeta. Essa civilização de «qualidade» está a abdicar diante da civilização de «quantidade» que avassala o Mundo. A errada ideia da democracia, que é, também, fundamentalmente, «qualidade», está a entregar todas as suas posições ao «número». A qualidade cede perante o peso material da quantidade. Esse é o contraste, o perigo, o drama do sadismo político actual.

Não são Ocidentais e Orientais, Brancos, Negros ou Amarelos que estão em face uns dos outros, ameaçando-se ou destruindo-se. É a *qualidade* — isto é, o escol dos espíritos — em face da *quantidade*, que é o número e a selva. Esse é o conflito e o seu significado. O resto são devaneios de idealistas explorados pela escalada, clara ou encoberta, de ambições que também são «quantidade» no Mundo.

Nesta sombria encruzilhada do Destino, um Povo terá mantido na História o Pavilhão dos grandes ideais humanos hoje oferecidos em holocausto à voracidade, ao egoísmo, dos novos e implacáveis deuses, suicidas fanáticos da Ilusão e pregoeiros da Violência.

Proa da Europa sobre o Atlântico, proa do Ocidente sobre o Mundo, Portugal terá ficado fiel à glória da Renascença que o fez grande. Terá sido, será um simples e solitário rochedo batido pelas vagas. Mas terá permanecido no seu lugar. Terá confiado na justiça, quando todos a negaram. Terá confiado no Direito que os outros escarnecem. Mas a hora de hoje terá sido a *sua hora* — aquela cuja sombra, entre chamas, no horizonte inquieto, sobe já agora — lentamente».

Foi esta a inteligente crítica feita por Leitão de Barros.

Como dissemos no artigo anterior, os «Estudos» não tratam de política e andarão mal os que concluírem com opinião contrária, ao

verem transcrita a opinião de Salazar. Este artigo deu-lhe desenvolvimento, pois é um comentário demonstrativo do que temos exposto sobre as aplicações nocivas da «sugestão» e da arma que ele pode representar, quando sirva fins políticos.

Esta progressão rápida que se está realizando nos novos países improvisados em que, de um momento para o outro, se passa do nada a primeiro ministro ou a Chefe do Estado, com direito a fazer ouvir a sua voz em congressos internacionais e a fustigarem os governos dos países antigos, tem provocado verdadeiras perturbações mentais, explicáveis, mas que entram já no domínio da psiquiatria... São bebedeiras mentais que, como as alcoólicas, chegam a escandalizar, quando não fazem rir os que estão no seu estado normal...

De entre essas manifestações há algumas que nos fariam rir às gargalhadas, se não fossem uma demonstração trágica do que a incompetência e o atrevimento estão contribuindo para fazer perigar a ordem no mundo e preparar a psicologia própria fatora de guerras...

Uma dessas manifestações é a declaração do Presidente da Tanzania, que é um país extenso e de grande valor económico, que até há pouco tempo fazia parte da British Commonwealth (comunidade dos países ingleses) e que discordando da atitude do governo inglês na sua acção infeliz perante a questão da Rodésia, que queria que fosse mais violenta, ameaçou: — *Se a Inglaterra continuar a proceder como está actuando, proporemos a sua expulsão da Comunidade Britânica!* E, acabou por cortar as relações com a Inglaterra!

O exemplo parece que está a ser seguido pela Zâmbia e Serra Leoa. É assombrosa, a coragem — ou a inconsciência — daquele até há pouco tempo, selvagem! E que pena nos faz ver a Inglaterra que há anos foi um país tão considerado e que há pouco tempo tem decaído de tal forma, que tem perdido os amigos e em que os antigos colonos negros a tratam com tanto desprezo!

O que é certo é que a «British Commonwealth» passou a ser designada simplesmente por «Commonwealth», sem a palavra «britânica» para não ferir as susceptibilidades de alguns dos seus componentes. Passou a ser uma comunidade, *não política*, mas *económica* e apenas enquanto os contribuintes ingleses forem mandando o seu dinheiro, que já lhes falta, para que os países do Commonwealth, possam gastar, ou em arredondar as fortunas dos seus administradores, ou para comprarem armas, que possivelmente ainda serão empregadas contra a Inglaterra.

Se continua esta oposição à Inglaterra, a ideia feliz da organização da «Commonwealth», que procurava manter, com outra modalidade, o antigo Império Britânico, está quase a desaparecer, perante a inabilidade do partido trabalhista, a quem aquele país deve, principalmente, a sua decadência.

Conselhos a uma "Rapariga Moderna"

Alguns dos nossos leitores, depois de lerem o artigo do n.º 16 dos «Estudos» — Em Portugal estamos atrasados? — discordaram, por patriotismo e simplicidade, da nossa conclusão afirmativa. A sua reacção foi demasiadamente rápida, porque não perceberam que, tanto o texto como a conclusão, estavam escritos num tom de ironia, pelo que se devia concluir exactamente o contrário.

Ao ler o artigo, de fina ironia, da autoria da escritora *Anita Péreire* na revista «Elle», de 28 de Julho de 1966, não resistimos à tentação de o transcrever nos «Estudos», porque completa aquele nosso artigo.

O problema das raparigas de hoje é muito mais preocupante do que há 50 anos. Hoje há o amor pelas estatísticas. Ora elas, a respeito do casamento, dizem-nos o seguinte: — Hoje, há muito mais mulheres do que homens no mundo e, por outro lado, os homens são casadoiros até muito tarde, enquanto que o período das paixões pelas raparigas raramente passa para além dos 30 anos delas. — Antigamente os rapazes sentiam-se felizes quando uma mulher lhes dava atenção. Hoje, porém, as raparigas sempre preocupadas, sobretudo quando chegam aos 17 e muito mais depois dos 25 anos e aterrorizadas com a possibilidade de cristalizarem em *solteironas*, depois dos 30, *atiram-se aos rapazes*, sobretudo os que podem, pela fortuna adquirida ou a herdar, ou pelos estudos, representar uma garantia de estabilidade no futuro...

O telegrama de Nova Iorque, de 11 de Setembro corrente vem confirmar esta situação alarmante para as raparigas e justificar o seu ataque para a conquista do *possível* noivo:

«Dois sociólogos dos Serviços Norte-Americanos do Censo, Paul Glick e Robert Park, anunciaram más novas para as raparigas casadoiras dos Estados Unidos: — Cerca de 50 000 raparigas, nos próximos anos, vão ter a maior dificuldade em casar-se.

E explicam porquê:

— Depois da última grande guerra (1939-1945) verificou-se no país o surto habitual de nascimentos que se segue às grandes catástrofes; dessas crianças — os adolescentes dos nossos dias —, os rapazes não atingiram ainda a idade normal do casamento (dos 24 aos 28 anos), enquanto as raparigas, que se casam geralmente mais novas (dos 18 aos 22), constituem um enorme excedente sobre as últimas gerações masculinas da guerra.

Mas os cientistas não se esqueceram de aconselhar soluções — nada menos de três — e todas elas válidas: — os rapazes casarem-se mais

cedo; as raparigas esperarem a oportunidade de um viúvo ou de um solteirão; ou serem mais numerosas as raparigas que terão de «ter paciência» e não casarem mesmo».

É por isso que o artigo de *Anita Péreire* é oportuno, pelos conselhos que dá. Vamos transcrevê-lo, com a devida vénia:

«*Eu não compreendo as raparigas que não têm sucesso! Para atrair um rapaz é necessário conhecer a sua psicologia. E, de facto, vocês conhecem o «rapaz moderno»? — Já não tem nenhuma semelhança com Tarzan, James Bond, e com o Senhor vosso Pai ou Avô (ancien style).* Os «rapazes modernos» já não se parecem com o que os antigos desejariam ser: — Homens enérgicos, protectores e delicados (que, no entanto, talvez um dia voltem a ser). Mas hoje o problema não é esse! — Consiste em: — *Que é necessário fazer para atrair os rapazes de hoje?* — A resposta, é simples:

1.º — Em lugar de *esperares* que ele se mostre gentil contigo, compra uma revista moderna e *procura-o*, oferecendo-lha e conversa com ele sobre os assuntos por que ele se interessa, que são, os nomes dos actores e actrizes de cinema, a sua vida íntima e pública, quantas vezes se divorciaram e com quem, as modas actuais dos rapazes e das mulheres, etc.

2.º — Podes telefonar-lhe a qualquer hora do dia ou da noite. Mesmo um rapaz que se encontra pela primeira vez, pode dizer-vos, sem fazer cerimónia (que já se não usa) e *cem por cento descontraído*: — Logo, telefona-me!

3.º — Se quiseses ir ao cinema e se te aborrece ires sòzinha, podes convidar qualquer rapaz; como ele detesta *fazer cerimónia*, pode gentilmente deixar-te pagar os bilhetes...

4.º — Quando chegares à esplanada de um café, ou mesmo dentro, eles ficam encantados se te mantiveres de pé a palrar com eles, enquanto estão confortavelmente sentados; isso lisojeia-os e, por isso, deves facilitar-lhes essa boa disposição...

5.º — Naturalmente, depois de uma pequena pândega, estão muito *estafados para te acompanhar*, o que é uma velharia cerimoniosa que já passou de moda; e como tu és uma «rapariga moderna» entras só em casa, como as pessoas mais velhas. E não te esqueças que às vezes ele espera que lhes sejas útil nos fins dos meses, enquanto não chega a mesada ou recebe o ordenado; se ele tiver o desejo de tomar um taxi, *descontraidamente*, pode pedir-te o dinheiro para isso, pois esgotou-o na pândega e deves ser gentil...

6.º — Em uma «boite», se quiseses *dar uma volta*, podes convidar um rapaz para dançar e depois da dança, não te incomodes a acompanhá-lo ao seu lugar; ele mesmo te deixa no meio da sala, quando acaba de dançar, *sempre muito descontraído*; mas podes, se assim o desejares,

dizer-lhe no fim (em que mostras ser verdadeiramente *tarada* ⁽¹⁾, dizer-lhe «obrigado, danças de uma forma *estupenda*».

7.º — Ele gosta que tu o acompanhes às lojas para que possas admirar o seu bom gosto e elegância, quando experimenta os seus *sweaters*.

8.º — Na praia, quando estiverem tostando ao sol, o rapaz pode ter sede... e para seres chic, deves ir buscar qualquer bebida gelada para ele ou para os dois! E deves sempre arrumar o que ele trouxe para o banho e para a praia, toalhas, transistors, frasco de óleo solar (que em geral é o teu, mas de que ele se serve, em boa camaradagem), livros, máquina fotográfica, etc., que tu mesmo podes levar no teu saco, o que é justo, porque ele já leva consigo os seus óculos de praia e as chaves do auto.

9.º — Quando combinarem sair juntos, o que é uma gentileza dele, o *rendez-vous* deve ser marcado para perto da residência dele; é claro que ele não gosta de se incomodar para muito longe. E se chegar atrasado, não te incomodes, porque ele se justificará: — ou porque a sua moto teve uma pane, ou que se sentia cansado e teve de andar devagar.

10.º — Ele ou eles prevenir-te-ão, atenciosamente, das datas dos seus aniversários; não te esqueças se ele tem predilecção por gravatas de flores ou camisas com flores ou outros desenhos e da cor que prefere. Infelizmente, ele mostra-se sempre contrariado na data do teu aniversário, porque teve grandes despesas com o seu alfaiate e sabe que tu, que és amiga, te contentas com uma flor, um bombon ou, se for terno, um beijo...

11.º — Eles adoram a maneira como te vestes e é mesmo encantador, como eles nos roubam as nossas ideias, as nossas camisas com flores ou fantasias, os nossos jerseys ou casacos ligeiros, sem falar das nossas cabeleiras, das nossas calças femininas e mesmo dos cordões de ouro caídos do nosso pescoço, com medalhas ou berloques. Isto é que é ser «*tara*»; eles imitam-nos em tudo!

12.º — Se encontram um camarada, deves mostrar um «à-vontade» esperando, enquanto eles trocam os seus: — «Sim *pá!* — Ó *pá*, olha — isso *não pá!* — tá bem, *pá!* — e se lhe não perguntas o nome, que ele às vezes nunca chegou a saber, já não poderás telefonar ao camarada, mais tarde.

13.º — E quando, depois de ter feito o máximo para usares o fato que lhe agrade (mini-saia, etc.) podes ver uma companheira passar, muito menos *mini*, com um rapaz verdadeiramente *tarado* e saber que

(1) Este «*tarada*», não quer dizer como antigamente. «*ter taras* de degenerescência», mas hoje é sinónimo de «*chic*», «*bestial*», etc. Mas para ser mais *chic*, os rr não devem ser pronunciados dentalmente, como em português, mas com a base da língua, rastejando, como em francês. Os franceses, em lugar de «*tarado*» empregam o «*dement*». Lá é *chic* ser *dement*!

ela se fez procurar em casa, que nunca espera por um rapaz que se atraiu e que é necessário telefonar-lhe para a convidar, pagar-lhe os seus bilhetes de teatro (o que é verdadeiramente *antiquado*... mas que ela exige), ficas admirada como ela soube prender um rapaz... e dirás: — Como é que se pode compreender o mundo actual? — Está a andar para trás e voltaremos ainda à Belle-Epoque?

Concordamos que os rapazes de agora são difíceis de perceber! — Se seguides aqueles 13 conselhos, tudo leva a crer que o conquistes. — E se assim não suceder é porque ele é «bota-de-elástico» — é «macaquinho de imitação do avô» — ou então é porque, quando olha para a rapariga, está a pensar nas qualidades que deve ter a futura esposa, ainda que não seja «rapariga moderna».

Concordamos, que é de entontecer, o saber o caminho que se deve tomar em alguns casos para se conquistar um *marido*! — Conquistar um *amante* é muito mais fácil e muito menos trabalhoso. Que maçada!...

Ainda um último conselho, que é acompanhado de algumas considerações:

— A diversidade de caracteres, masculinos e femininos, é que constitui a grande atracção entre os dois sexos. As mulheres, por muito intellectuais que sejam, sentem-se fortemente atraídas pelos homens que mais evidenciam os seus caracteres de masculinidade, de virilidade; os homens sentem-se sempre mais atraídos pelas mulheres em que sintam mais caracteres de feminilidade e não gostam das que ostentam caracteres de masculinidade...

Por isso, não procures lisonjear, para te tornares agradável, o rapaz que, julgando que assim te agrada mais, ostenta vários dos teus caracteres, cabelos compridos, gestos e falas tímidas e amaneiradas, camisas cor de rosa ou com flores.

Desconfia dos homens que querem parecer mulheres, como eles desconfiam das mulheres que querem parecer homens, com gestos sacudidos, voz grossa, fumando pela boca e nariz, bebendo como um carroceiro e dizendo palavras grosseiras ou obscenidades...

Em geral, como em todos os estados de transição, os destas pessoas que exibem caracteres de sexo oposto não são fixos, são hesitantes, porque realmente elas estão em uma transição psicológica entre o masculino e o feminino, transição que, a pouco e pouco, se pode tornar perigosa por levar até à transição de gostos e costumes...

Por o julgarmos interessante, transcrevemos também, um artigo de uma aluna do liceu de Aveiro, publicado no jornal daquela cidade «O Litoral», que representa uma espirituosa crítica, às «conversas modernas»:

O calão — Sabeis que o calão é linguagem usada pelos jovens — palavras de que só eles, verdadeiramente, conhecem o significado?

Duas meninas, muito bem instaladas numa varanda, fazem apreciações ao que vêem passar na rua movimentada. Aproximemo-nos discretamente e ouçamos:

— Repara naquele tipo que vai a sair do espada vermelho. Que traço... O espada é bestial...

— Ó filha, achas aquilo giro? O carro, vamos indo; mas ele, coitado, é mesmo um pente.

— Tu poderás não gostar, mas, para mim, é o género que mais gramo.

— Já viste aquela tipa que está a olhar para a montra? Que frasco! Nem a albarda a ajuda!...

Tão discretamente como entrámos, deixemo-las continuar...

Tudo isto — ou mais ainda... — já foi dito certamente por muitas de vós, caras amigas. Bem sei que estais tão habituadas a falar em calão — eu mesma, confesso-o, sou passível dessa culpa — que encontrar agora palavras para exprimir com vigor o que pensais, não é tarefa fácil.

E os rapazes?

Numa mesa do café, reunidos, como sempre, estão aqueles moços do costume, comentando os últimos acontecimentos:

— Eh pá, já sabes que o Nunes enfiou um barrete indecente?

— Eh pá, ainda ninguém me contou; mas diz lá, pá, foi a tipa com quem ele passou aqui?

— Essa mesma, pá. Ela é boa, lá isso é verdade, e levou-o indecentemente.

— Ó pá, já estou em pulgas. Isso tem Himalaias de piada! O Nunes, o senhor Nunes, levar um tampo! Dá-me tanta vontade de rir que até sinto os nervos em franja... porque foi um tampo, não foi, pá?

— Isso mesmo pá, mas ouve (.....)

É melhor fugir antes do relato, que tão rico em vocabulário e em ideias, promete ser... bestial...

E assim, criticou esta inteligente aluna do Liceu de Aveiro.

Não resistimos também, ao desejo de transcrever uma daquelas humorísticas, mas cheias de bom senso, crónicas de Leitão de Barros, da série de «Os corvos», do *Diário de Notícias*:

Baixaram as cotações de «Papá»

No tempo em que os homens mandavam e as mulheres obedeciam; a vida dos lares possuía, internamente, uma ordem patriarcal que os séculos tinham cimentado. Quando o «Pai» falava, ordenava e dirigia; um silêncio obediente fazia-se à sua volta. O pai era indiscutível.

Ainda conheci famílias onde, desde a mãe aos filhos mais velhos e às crianças, todos lhe obedeciam sem discussão. Ao chegar a casa pedia-se-lhe a bênção e beijava-se-lhe a mão. Nenhum filho ousava ficar sentado à entrada do pai. Fumar um cigarro diante dele seria um insulto.

Depois da comida todos se persignavam e a vida do lar prosseguia tranquila...

Pouco a pouco tudo em absoluto se modificou. A mãe, que então não mais fazia que dirigir as criadas, ocupar-se das comidas e das roupas e ir tomar chá com as amigas, passou a ganhar o dinheiro, formada em Farmácia, em Medicina, em Ciências Económicas, em Direito.

Econòmicamente, a mãe vale hoje o pai, quando não vale mais, e é evidente que os ministros das finanças foram sempre os que mandaram. Assim, o velho «ministro do interior» — o Pai — baixou de cotação. Mas a autoridade não se divide. É exercida por um só. Foi essa a primeira machadada no prestígio paternal. Daí vieram grandes males. Os filhos, em percentagem alarmante, não compreendem a disciplina que os pais lhes impõem. Por seu turno, estes nada estudam acerca das novas tendências, das ansiedades, do espírito renovador ou revolucionário de que o mundo se apossou em todos os sectores da juventude. A obra da Igreja, conquanto intensa, muito pouco ou nada consegue. Ir à igreja não basta. Rezar significa pouco...

Há bastantes anos contei aqui um drama de «capa-rasgada», passado nos «aristocráticos» terrenos do Conde-Barão. Foi o caso que um rotundo revisor dos carros eléctricos, quando estes eram abertos, viu, do estribo onde seguia, um jovem cavaleiro de capa negra e uma pombinha de bata branca que vinham da Fonseca Benevides. Derretidos, entrelaçados e amorosos, os dois desciam das terras de outro nobre, o Marquês de Abrantes, e estacaram no entroncamento dos eléctricos. Papá revisor saltou do carro, ferrou duas estaladas na pombinha e correu a pontapé «retroactivo» o trovador de «capa-rasgada». O número foi muito aplaudido. A pombinha voou e o eléctrico seguiu. Vá lá hoje um pai educar a estalo uma menina pura!

Agora, aqui à minha porta, passam todas as tardes parzinhos universitários arrastando sonhos pelas pedrinhas do passeio. Para mim, a única coisa que reputo indecente é que são elas que os abraçam, que deitam languidamente a cabeça sobre as suas juvenis anatomias. É certo que um ou outro par passeia ainda com elegância e a uma distância de natural camaradagem. Esses são amorosos, mas são decentes. Os outros não os encontramos na descarada Paris, em Berlim ou em Madrid; só em Lisboa. Quantas bofetadas, meu Deus, se perdem por este São Pedro de Alcântara abaixo!

Respondia-me outro dia um pai, com sincera preocupação no rosto cansado, ao perguntar-lhe eu:

— Então os teus filhos como vão?

— Vão como querem! Fazem o que querem! Não dão satisfações a ninguém e eu tenho a sensação de que são eles que nos querem educar a mim e à mãe, e não eu a eles. Sinto que a casa lhe interessa apenas para comerem e dormirem e levarem alguns escudos que arrebanham

à mãe. Que hei-de eu fazer? Quando eles já estão deitados, eu e a mãe falamos muito sobre a conduta a que as companhias os arrastam. Mas temos a impressão de que é uma luta em que seremos vencidos. Em cada dia em que envelhecemos um pouco, eles e as suas ideias mais nos dominam. Que posso eu fazer?

— Se queres que seja franco, dir-te-ei que tu és mais culpado do que eles. A primeira coisa que não fizeste e devias ter feito, era nunca teres provocado ou consentido uma cisão de épocas ou de conceitos de vida. A família, para existir, tem de consituir um todo de homogeneidade moral. A maior virtude do pai é chamar a si, desde a nascença, a vida psíquica dos filhos. Um pai que conversa, ri, brinca, convive e estimula os bons sentimentos, corrige, sem ser violento, ensina sem fustigar e, reciprocamente, dá e recebe os ensinamentos da experiência e da juventude — cumpre a sua missão. O pai que não se separa, não se isola, tem meio caminho andado para a felicidade dos filhos. Não julgues que te aconselho a transigir com a primeira tolice que eles te proponham. Procura formar-lhes o cérebro como lhes formaste o corpo. Cérebro, que não será igual ao teu e que, modelado à força, seria sempre deformado. Trabalha os teus filhos como uma obra de arte, tão perfeita quanto a pudes fazer. Não esqueças, meu caro, que um filho é uma obra tua! Uma obra que nunca está pronta. Uma obra divina em que trabalharás até à morte. Corrige-os a eles, mas corrige-te primeiro a ti, meu velho!

Ainda a corroborar e a acentuar esta crítica, tomamos a liberdade de transcrever uma «Nota do Dia» (25-8-66) do *Diário de Lisboa*, a propósito dos *Cursos de Férias* que se estão realizando em Portugal para aprendizagem do português pelos estrangeiros:

«A Costa do Sol tornou-se um animado centro de convívio humano, em que, talvez para facilitar a comunicabilidade das pessoas, tende a desenvolver-se uma linguagem simplificada, muito mais fácil de fixar do que o famoso método que permite falar inglês correntemente conhecendo apenas 800 vocábulos. No nosso caso, está-se a chegar à perfeição de exprimir ideias com muito menor número de palavras... Mas receamos que, fora do ambiente da malta, qualquer pá se chateie à brava para topar uma fulana gira que não tenha patuá para ele, sem lhe baralhar muito a pinha. De outro modo, por muito brasa que ela seja, acabará por se pirar, sem paciência para gramar aquela tara que, não alinhando na conversa, é mesmo um pãozinho sem sal... E lá se vão as vantagens da convivência! Esta ânsia de simplificação verbal é uma característica irremediável da nossa época. Dificilmente se escapa à sua marca.»

A China acaba de sofrer uma nova revolução, ou feita pelas buliçosas juventudes vermelhas, ou realizada com o seu rótulo, que foi

designada por «Revolução cultural». Julgamos porém que esta revolução terá como adversárias, as mulheres, visto que muitas das regras do seu programa, as ataca naquilo que mais pode ferir a sua sensibilidade feminina.

De entre essas regras, há uma, que é contrária ao desejo de todas, sejam orientais ou ocidentais; é a seguinte: — «*Devem ser encerrados todos os estabelecimentos de luxo, assim como se deve renunciar ao uso de perfumes, de jóias, aos cosméticos e ao vestuário e calçado de fantasia, que não sejam dos moldes proletários.*

Que cataclismo! É contrário ao sentir de todas as mulheres que, desde a mais remota antiguidade têm o desejo de usarem adornos que façam realçar a sua beleza ou a sua elegância, ou que contribuam para encobrir os defeitos que possam possuir. — Isto é pior do que um tremor de terra e pode prejudicar os revolucionários!...

Porém, a regra mais grave é a seguinte: — «*Deve renunciar-se às fotografias de raparigas, pretenciosamente bonitas.*

Esta regra é que é terrível e revoltante para elas! Se fosse extensiva para além das fronteiras da China, seria suficiente para provocar uma revolução de protesto!

Noventa por cento das raparigas modernas, aspiram ao desejo de, um dia, verem as suas fotografias nos jornais. Mas ficariam encantadas se pudessem concorrer às eleições das várias rainhas que se estão multiplicando em todos os países e com os mais variados pretextos; veriam os seus valores físicos apreciados em concursos e apreciariam a sua publicidade nos jornais; por outro lado, as compensações são várias, como passeios, facilidades para um noivo que também se queira destacar por casar com uma *vamp*, etc. ...

Se muitas não concorrem, apesar de se julgarem com valor físico para isso é, ou porque os pais são antiquados, «botas de elástico» presos a moralidades estúpidas que já passaram de moda..., ou por os seus namorados serem estupidamente ciumentos, ou ainda pelo receio do ridículo de não serem aprovadas; que prazer seria para todas as suas amigas...

Mas, que pena não concorrerem! — Assim teriam uma oportunidade para mostrarem as suas graças, as suas belas formas, infelizmente cobertas com os vestidos, pois o seu corpo, acreditam, é o mais elegante e perfeito e já tinham estudado algumas atitudes que realçariam os seus encantos...

Infelizmente, com esta hipócrita moralidade da sociedade actual, só nas praias e cercanias ou nas piscinas há o direito de mostrarem a barriga até ao umbiguinho e dois terços das nádegas; nas competições sempre têm o prazer de se verem apreciar, serem fotografadas e as fotografias virem nos jornais; que esplêndida demonstração dos seus encantos e dos apetites que despertariam — Que pena! — Que pena!...

O PROGRESSO DA DIABETIS NAS PESSOAS MAIS BEM ALIMENTADAS

A diabetes é uma doença que diminuiu durante a segunda guerra mundial nos países sujeitos a racionamento alimentar; o mesmo sucedeu durante a guerra de 1870 em França. Está novamente a aumentar, sobretudo nos países em que a alimentação tem aumentado muito, paralelamente com a diminuição dos exercícios físicos.

A «Semaine des Hopitaux» de Paris, no seu número de Janeiro de 1965, chama a atenção para o problema da invasão, que se está a notar, da diabetes, que está alastrando por todas as classes sociais quando no princípio do século só geralmente atacava as pessoas abastadas. No entanto é mais significativo ainda o facto de aparecer agora com frequência crescente em todas as classes da sociedade e mesmo nas pessoas jovens das classes trabalhadoras.

Este problema incitou a O. M. S. (Organização Mundial de Saúde), em virtude da importância crescente da diabetes, a reunir um comité de peritos encerregados de estudar tudo quanto se tem feito até agora para o seu tratamento e qual o plano que se deve estabelecer para evitar a sua propagação e procurar diminuir o número de casos.

Os sintomas variam com as regiões e com o clima; assim, os diabéticos europeus têm frequentemente sede e sentem-se fatigados, enquanto que os diabéticos das regiões tropicais têm mais frequentemente doenças de pele.

Os estudos mostraram que a obesidade predispõe incontestavelmente para se adquirir a diabetes. Nos Estados Unidos, a mortalidade dos homens de mais de 45 anos que têm um excedente de peso de mais de 20 quilos, sobre o peso normal, é de 136 para 100.000 habitantes contra 6 para 100.000 nas pessoas da mesma idade que têm peso abaixo do normal.

É conveniente estudar a percentagem de diabéticos em cada região para ver se têm uma alimentação defeituosa regional e as autoridades sanitárias devem neste caso estabelecer uma propaganda conveniente para que ela seja modificada, verificando igualmente a percentagem de pessoas gordas em relação com a diabetes, para que a propaganda dietética chame a atenção para esse facto e para a maneira de o contrariar.

O aumento dos casos de diabetes obriga a uma despistagem mais precoce. Sempre que, desde novos, ou mais tarde, as pessoas tenham uma tendência para engordar demasiadamente, ou que ultrapassem o peso normal, devem pesquisar a glicose nas suas urinas; esta despistagem alertará muitas pessoas, que poderão iniciar o regime dietético e fazer o tratamento, que as poderão curar, ou pelo menos, evitar as complicações graves da diabetes. *É raro que um diabético que se trate con-*

venientemente morra da sua diabetis, mas é inevitável o agravamento, não só da diabetis, mas das outras doenças que cumulativamente possam adquirir, se não tratarem a sua diabetis.

TEM AUMENTADO OS CASOS DE HEPATITES AS CONSEQUÊNCIAS DAS HEPATITES

Tem aumentado o número de casos de hepatites especialmente de *hepatites virais* (á *virus*) e, consequentemente, têm também aumentado os estudos publicados nas revistas médicas sobre esta doença e as perturbações provocadas sobre o organismo, especialmente sobre o fígado. O Dr. Jean Paris, de Lille, acaba de publicar um estudo na revista «*Medicine et Hygiene*» de Lausanne, de onde extraímos o seguinte:

— É nos últimos anos que se vêm acumulando estudos sobre a hepatite e tem-se verificado que, após um ataque de hepatite infecciosa, o fígado fica geralmente atingido; são frequentes as litiasis biliares; Mme. Chaumerliac em 1954 e Zervoyanis em 1959 chamaram a atenção para a frequência com que estes doentes aparecem, a seguir, com perturbações digestivas, fenómenos dolorosos no baixo ventre direito e a seguir, sintomas de litíase.

Chabrot observou que em 1943, em 500 doentes que se queixavam de dores na região da vesícula, 120 tinham tido hepatite epidémica; verificou igualmente que os estados da má disposição, característicos das pessoas hepáticas, começavam alguns meses depois da hepatite e que nelas, quando sujeitas a exame radiográfico, a vesícula aparecia com opacidade, e distendida, em virtude de um estado de hipotonia vesicular.

Y Salembier cita o facto de, em 13 operados da vesícula, houve 10 sem litíase e um que tinha tido há 20 anos uma hepatite infecciosa.

b) — *Sintomas gerais*: Um sintoma frequente é a fraqueza matinal, como fadiga frequente. É habitual também o aparecimento de um sintoma depressivo, com ansiedade, insónias, vertigens e dores de cabeça; é frequente também, a falta de apetite e a dificuldade de retomar o peso e outras vezes ainda aparece a obesidade.

CURIOSIDADES

Ao menino e ao borracho — Se, por acidente, o leitor cair de um sítio alto, descastrai-se e não pense nisso!... Se tal fizer, tem muito mais probabilidades de não se magoar, como o *menino* e o *borracho*. Com efeito, estudos recentes dos médicos da Aviação americana, baseados em 12 000 «quedas livres», mostram que num número extraordinário de casos há sobrevivência e até ausência de qualquer lesão! Os mais poupados são as crianças, bêbedos e suicidas, porque, em todos estes, nenhum pensa na queda e se encontra fisicamente relaxado quando chega em contacto com o solo!...

(Do «Diário de Lisboa»)

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

V

Nos quatro artigos em que temos desenvolvido o estudo deste problema, pusemos em evidência a sua importância na formação da personalidade humana.

Começámos por estudar os «Exageros e desvios, que fazem entrar a personalidade de um indivíduo», — o «*Eu*» —, no domínio da psicopatologia, na procura do «Ideal do homem» principiando por demonstrar como o homem tem a *necessidade* de sentir Deus. Tratámos em seguida, da «Transferência da personificação do Ideal» e da «Criação do Anti-Ideal do *Eu*». Vamos agora tratar da terceira parte, que é o estudo da «Incidência do Ideal do *Eu* colectivo — ou seja, do *Nós* — sobre o indivíduo».

A incidência do ideal do «Nós» (ideal colectivo do «Eu») sobre o indivíduo

A personalidade atinge a plenitude da sua formação quando o *Ideal do Eu* se apresenta como uma imagem, em grande, da sua concepção primitiva, e em perfeita harmonia com o meio ambiente.

No entanto, é necessário deixar uma grande *margin de segurança* para a adaptação consciente a um meio físico ambiente menos favorável (clima, alimentação, situação geográfica difícil, doença, velhice, etc.).

Se, pelo contrário, lhe é oferecido um «Ideal do *Eu*» que contrarie mais ou menos o ideal que tinha formado de início, pode o indivíduo procurar uma compensação nos prazeres imediatos que o meio ambiente lhe poderia fornecer, tais como, aquisição de riquezas, excessos alimentares, álcool, tabaco, estupefacientes, ligações sexuais, etc.

Sob uma forma mais benigna, as compensações podem ser encontradas nas distrações audio-visuais, cinema, teatro, ou na actuação em partidos políticos ou em associações, oferecendo ao observador um sucedâneo da vida que ele poderia atingir por si próprio, assimilando a sua consciência à dos actores e aos acontecimentos artificiais.

Esta solução — de que a comercialização e a acção sobre as consciências são muito poderosas — conduz o indivíduo a uma *despersonalização completa*, mas é preferível, no entanto, à sorte reservada a dezenas de milhões de contemporâneos, para os quais o álcool ou outros derivativos perigosos, restam como a última solução para abafar o conflito

entre o «Ideal do *Eu*» que tinha e o novo «pseudo-ideal», que criou em um meio desfavorável à manutenção do seu ideal puro, que não lhe oferecia recursos morais para o manter.

O Anti-Ideal do «Eu»

Em certos casos, a pessoa pode tomar o seu próprio «*Eu*» como o *Ideal do «Ego»*; isto é, confundir o «*Eu*» com o «*Super-Eu*».

A resultante destas componentes da personalidade, conduzirá a um círculo vicioso, em lugar de o incorporar na colectividade e desempenhar aí o seu papel.

É a situação característica do paranoico, para quem já nada do mundo exterior, merece interesse e para quem só deve ser satisfeito o que não se opuser à exclusividade da sua auto-insuficiência e ao contentamento incondicional que tem sobre a sua pessoa. Há pessoas a quem os sucessos rápidos, na política ou na riqueza, lançam neste estado de euforia anormal e perigosa...

Mas, em muitos casos, a ideia que primeiramente formou do seu ideal, não está em relação com a personagem fictícia que criou e a que atribui uma soma de força e de riquezas ilimitadas...

Cada um de nós deve sempre ter em conta o seu *Anti-Ideal do «Eu»*, a que já nos referimos em artigos anteriores.

Os grandes movimentos políticos não poderão atingir a consciência dos cidadãos, sem que se prometa a cada um, toda a espécie de direitos, sob a forma de aumento da potência individual e das riquezas fornecidas pelo progresso.

As igrejas, mais prudentes, contentam-se em prometer estas realizações na «outra vida», chegando frequentemente a aconselhar o desprezo pelos bens materiais e a condená-los, como uma incompatibilidade com a vida espiritual — «os ricos não entrarão no reino dos céus...»

Todo o problema consiste então em tornar compatíveis as exigências de um *Ideal do «Eu»*, actual, com os primeiros ideais e com os conselhos da Igreja, a fim de se conseguirem as vantagens prometidas «na outra vida», evitando os suplícios eternos do Inferno, que são geralmente apresentados como a única saída, se não for praticada a primeira orientação aconselhada... Isto não sucede somente na religião cristã mas em quase todas, onde o Ideal Supremo é muito semelhante.

Para centenas de milhões de existências humanas através os séculos, o «complexo a resolver» só se resume em uma única alternativa.

Ora, segundo os temperamentos de cada ser, as compatibilidades e as incompatibilidades entre as necessidades e os desejos mais profundos de um organismo psicossomático e as exigências e as restrições impostas por um «ideal colectivo», variam muito de uma religião para as outras e, dentro da mesma religião, de uma pessoa para a outra.

Compreende-se que para além de um certo limite de saturação da força da luta contra si mesmo, da tolerância até à contrariedade, da margem de segurança psíquica, uma religião, em lugar de se tornar o elemento de segurança moral, de compensação contra os sofrimentos e as decepções e ainda uma espécie de expansão agradável de toda a personalidade, pode pelo contrário, desempenhar um papel traumatizante da personalidade.

Uma religião, ou por outra, mais frequentemente, a maneira de interpretar os seus princípios, pode ser causa de obsessões e de torturas mentais e os seus ministros serem directamente responsáveis pela miséria psíquica e física de pobres consciências esmagadas entre um «Eu» desfavorecido, um *ideal pessoal* primitivo e o *Ideal colectivo* inabalável e sem indulgência, que apresenta ao pensamento um mundo sobrenatural, ameaçador e aterrorizador.

Esta situação tem-se verificado no decorrer dos séculos por teólogos, moralistas e legisladores, que reclamavam a cólera e a vingança de Deus, apesar de todo o ensino do cristianismo, desde que este nasceu, ser feito de indulgência, de encorajamento e de perdão.

No próximo artigo, seguiremos com este estudo e daremos alguns exemplos da inter-acção caracterizada entre o «Eu consciente» e o seu meio ideal, segundo o ambiente psicológico de quatro das grandes filosofias religiosas.

AS DIVERSAS ANEMIAS

III

A anemia da gravidez

A gravidez provoca sempre um grau de anemia, variável com as pessoas.

A anemia da gravidez pode adoptar três tipos especiais:

- a) o tipo de *anemia hipocrômica*, com diminuição da percentagem da hemoglobina no sangue;
- b) a *anemia perniciosa da gravidez*, que aparece em muito menos de metade dos casos do que a «hipocrômica»;
- c) a *anemia hemolítica da gestação*, muito mais rara.

De facto, o que acontece normalmente nas grávidas é a diminuição da quantidade de ferro, expressa em hemoglobina, o que se pode considerar como fisiológico, dentro de certos limites. Por outro lado, temos de considerar qual era o estado anterior da grávida, sob o ponto de vista da composição do seu sangue, quer em número de glóbulos, quer na percentagem da hemoglobina.

A forma de «anemia da gravidez» depende de factores de ordem íntima, constitucional, ou do seu estado anterior.

Normalmente, a gravidez ocasiona sempre uma diminuição da quantidade de ferro no organismo da mãe; a explicação deste facto, é que o filho em formação, ávido de ferro, de que necessita para a sua vida, faz o seu depósito de ferro no fígado, roubando-o às reservas da mãe. Se calcularmos que a quantidade de hemoglobina normal em uma mulher é de cerca de 650 gramas e sabendo que 0,33 por cento é ferro, verificamos que a mãe tem 2,14 grs. de ferro no sangue e como o recém-nascido dispõe normalmente de 1 gr. de ferro, aproximadamente, pode dizer-se que a gravidez custa à mãe, cerca de metade do ferro das suas reservas; e isto é já um indicador da necessidade de procurar repor o ferro que o filho rouba à mãe e que é necessário para a sua vida regular e muito particularmente durante um período em que necessita de manter a saúde para que o filho nasça mais forte e em que se sabe que este lhe está roubando ferro constantemente.

Estudos detalhados e demorados feitos por *Blaud, Goldstein e Firs* em mais de 300 grávidas, mostraram que durante a gravidez normal a percentagem de ferro tende constantemente a diminuir, desde o começo da gravidez. Para facilidade de estudo, dividiram-se os exames, marcando 3 períodos, cada um de 3 meses; durante o primeiro trimestre a perda de ferro é pequeníssima; no segundo trimestre as perdas são mais elevadas, mas ainda pequenas, mas no terceiro trimestre a taxa da hemoglobina baixa consideravelmente, porque é nessa época que o feto rouba à mãe o ferro de que necessita para estabelecer o seu depósito de reservas; às vezes, no último mês, sobe um pouco a percentagem do ferro na mãe calculando-se que o feto já completou a sua reserva; este aumento é facilitado pela qualidade de alimentação e, sobretudo se a mãe tiver tomado preparados de ferro durante a gravidez, mas principalmente no 3.º trimestre, que é quando tem maior necessidade de se recompor.

Nas pessoas que não se alimentam bem, que estão depauperadas pelo trabalho que têm de executar para ganharem a sua alimentação, mas que se alimentam insuficientemente, as percentagens de ferro são muito menores e portanto, têm maior necessidade de as normalizarem.

Quando a baixa de hemoglobina atinge 50 por cento da taxa normal, pode então classificar-se a anemia de «anemia da gravidez».

A secreção gástrica costuma aumentar nos primeiros meses da gravidez mas, cerca do 4.º ou 5.º mês diminui; quando diminui a quantidade de secreção, diminui a produção de ácido clorídrico, o que causa dificuldade em aproveitar o ferro contido nos alimentos; isto auxilia o empobrecimento do organismo neste factor essencial.

Muitas vezes não se dá à anemia das grávidas a devida importância, o que é um erro. O organismo da mãe não se deixa espoliar das suas reservas de uma maneira inactiva; defende-se como pode e é frequente as crianças nascerem anémicas; já nos referimos em um artigo anterior, às experiências feitas em ratas a quem se suprimiu completamente o

ferro na alimentação e que deram origem a ratos anêmicos em duas ou três gerações.

Quando as grávidas são tratadas com ferro, o seu aspecto muda, pois as melhoras já são sensíveis e verificadas nas análises, a partir do 3.º dia de tratamento, tornando-se mais acentuadas no 4.º e 5.º dias; começa depois a fazer-se um trabalho de aumento do volume dos glóbulos vermelhos, que se vai fazendo a pouco e pouco; o valor globular já é bem visível a partir do 14.º dia, salvo nos casos de grande miséria orgânica, em que às vezes se prolonga por mais alguns dias.

Às vezes os anêmicos apresentam elevações de temperatura, mas não se descobriram ainda, apesar de muitos estudos, as razões desta *febre ligeira da anemia*.

As considerações resultantes dos estudos que referimos neste artigo levam-nos indubitavelmente à conclusão de que *é muito útil ministrar preparados de ferro, a todas as grávidas*, o que consegue facilitar a gravidez e dar origem a crianças mais fortes e a fazer diminuir o período de convalescença da mãe, facilitando também a produção de leite, em qualidade e em quantidade. A utilidade dos preparados de ferro, aumenta no 2.º trimestre da gravidez e torna-se quase imperativa durante o 3.º trimestre, para proteger, não só a mãe, mas *sobretudo*, o filho.

Como dissemos em artigos anteriores é conveniente preferir os peptonatos de ferro, que são mais assimiláveis, potenciando-os com o manganez; juntando-lhe eupépticos, consegue ministrar-se à mãe um preparado que a fortifica, a prepara para um parto mais fácil, abrevia o período de convalescença e contribui para constituição de um filho forte e saudável. O preparado que reúne estas condições é o Opohemol, de que se devem tomar 3 a 5 colheres de sopa por dia, às refeições. As mães diabéticas devem substituir o Opohemol pelo «Opohemol D».

Se porém, a mãe já teve sintomas de carência de vitaminas, ou se a anemia se manteve apesar do tratamento pelo Opohemol, que é um indicador daquela carência, pode substituir-se o *Opohemol* pelo *Aneritran*, que é um preparado de gluconato ferroso, e de Complexo B (associação das vitaminas B₁, B₂, B₆ e B₁₂) com as vitaminas C, PP e Pantenol, de que se deve tomar 3 a 9 drageias por dia ou 3 a 9 colheres de chá de Elixir de Aneritran por dia, conforme o médico aconselhar que é mais conveniente.

Os vômitos gravídicos

Os vômitos da gravidez, são dificilmente combatidos. Este problema originou uns estudos feitos em Genève pelos *Drs. Locher, Laurencet e G. Ricca* que foram publicados no n.º 671, de 20 de Janeiro de 1965, na revista «*Medicine et Hygiene*», de que extraímos o seguinte resumo:

ESTUDOS

Os estudos principiaram por uma experiência com um antihistamínico, o maleato de dimetipiridina concluíram pela eficácia do tratamento em 50 % dos casos, enquanto que nos outros 50 % o mesmo resultado foi obtido com placebos.

Os resultados, por semanas de gravidez, foram:

Número de doentes	Semanas				Por cento	
	4 a 8	9 a 12	13 a 16	17 a 20		
	8	11	17	14		
Sintomas	{ Náuseas	1	1	1	1	8 %
	{ 1 a 4 vômitos/dia	6	9	12	11	76 %
	{ Vômitos frequentes	1	1	4	2	16 %
Resultados	{ Excelentes	3	8	15	10	72 %
	{ Bons	3	3	2	4	24 %
	{ Nulos	2	—	—	—	4 %
Efeitos secundários	{ Adinamia	1	1	3	2	
	{ Cefaleia		1			14 %

Como pensavam que muitos casos andavam ligados a excitações nervosas, preocupações, etc., tentaram fazer um tratamento por sugestão por meio de *placebos* (hostias de lactose ou outros) e os resultados foram positivos em 50 % dos casos; fizeram outras experiências, uma (A) começando pelos *placebos* e a seguir o medicamento e outra (B) começando pelo medicamento e seguindo com os *placebos*. Os efeitos foram:

		Efeito favorável sobre	
		Vômitos	Náuseas
A —	{	21 casos em 36 58,3 %	21 casos em 38 55,2 %
B —	{	13 casos em 26 50 %	14 casos em 29 48,3 %

Concluíram, portanto, que a disposição dos vômitos pode ser tentada e obtida em metade dos casos, só com os *placebos*, o que não contradiz os tratamentos com outros medicamentos.



**As dores consecutivas às operações
cirúrgicas, extracções dentárias,
pequenas operações**

tratam-se com *Espasmo-Dibar*, supositórios
e, em geral,

Contra qualquer dor

supositórios de *Espasmo-Dibar* aliviam-a
ou fazem-a desaparecer dentro de cerca de 10 minutos

PREVENTIVO CONTRA A SURDÊS

Provocar a eliminação do cerumen dos ouvidos
e manter a membrana do tímpano em funciona-
mento perfeito, consegue-se aplicando regularmente
uma vez por semana ou por mês (conforme a facul-
dade individual de produzir o cerumen), o

Otoceril

Protecção do estômago

Prevenção ou tratamento da

ÚLCERA GÁSTRICA E DUODENAL

GELUMINA

Digestões demoradas

Gelumina e Neo-Digestina

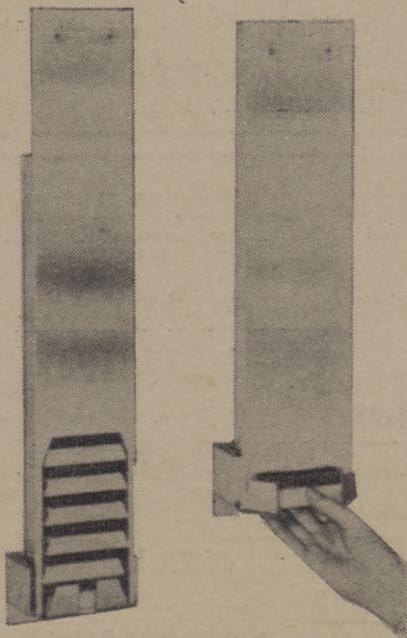
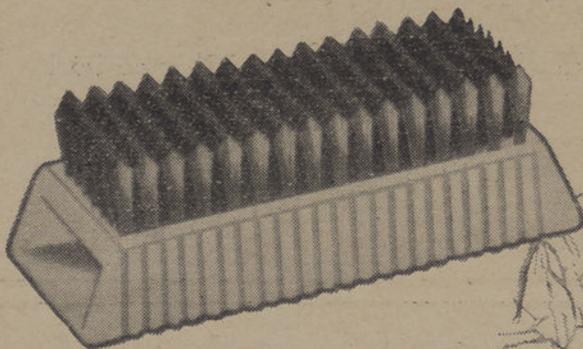
HIPERCLORÍDRIA (AZIA)

GELUMINA

Perturbações gástricas

GELUMINA

ESCOVA ESPECIAL PARA HOSPITAIS, ESPECIALMENTE PARA CIRURGIÕES — ANCHOR



VANTAGENS PARA O CIRURGIÃO

- 1.º — Permite 400 esterilizações
- 2.º — Pode ser esterilizada na própria caixa que as acondiciona no local do uso

